



HERMANN LOTZE: OBSERVAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE LINGUAGEM NA OBRA ‘MICROCOSMUS’

“[...] but it is certainly not the natural office of speech to say ineffectively and in a prolix manner what it can say shortly and emphatically.” Lotze, “Microcosmus”

LAURA ELIZIA HAUBERT¹

RESUMO: O presente artigo propõe como tarefa apresentar e discutir o conceito de linguagem desenvolvido na obra “*Microcosmus: an essay concerning man an his relation to the world*” de Rudolf Hermann Lotze, publicado entre os anos de 1856-1864. Também pretende situar o autor em seu contexto frente à segunda metade do século XIX. Para alcançar os objetivos, optou-se por dividir o texto em cinco partes: na primeira, uma introdução geral sobre o tema e ao filósofo; em seguida uma apresentação do filósofo, contando com dados biográficos; na terceira parte, volta-se para o panorama dos estudos da linguagem em território germânico; seguindo-se, por fim a discussão do conceito de linguagem no *Microcosmus*; e a conclusão.

Palavras-chave: Lotze, linguagem, lógica, pensamento, origens da filosofia contemporânea.

HERMANN LOTZE: OBSERVATIONS ON THE CONCEPT OF LANGUAGE IN THE WORK “MICROCOSMUS”

1. Mestranda em Filosofia pela PUC-SP (bolsista da CNPq). Email: eliziahaubert@gmail.com.

ABSTRACT:The present article proposes as a task to present and to discuss the concept of language developed in the work “Microcosmus: an essay concerning man and his relation to the world” of Rudolf Hermann Lotze, published between the years 1856-1864, as well as situating author and contexts in the second half of the 19th century. To reach the objectives, we chose to divide the text into five parts: in the first, a general introduction on the theme and the philosopher, then a presentation of the philosopher counting on biographical data, in the third part we turned to the panorama of studies of language in Germanic territory, followed by a finally discussion of the object of study itself, that is, of the concept of language in the work “Microcosmus”; and the conclusion.

Keywords: Lotze, language, logic, thought, origins of contemporary philosophy.

1. INTRODUÇÃO

O intuito deste artigo é apresentar um panorama do conceito de linguagem tal como encontrado no ensaio “*Microcosmus: an essay concerning man and his relation to the world*”, publicado entre os anos de 1856 e 1864 por Rudolf Hermann Lotze. Para isto, buscou-se recuperar do esquecimento a figura do filósofo germânico, situando-o em seu contexto.

Conforme observou Giusti (2012, p.95) “A filosofia do século XIX é, do ponto de vista da historiografia filosófica, essencialmente uma ausência.” A história oficial contempla os nomes de Nietzsche, Freud, Marx e Kierkegaard, em uma divisão entre a filosofia acadêmica e a filosofia reacionária dos mestres da suspeita, citados acima. Esta divisão, contudo, induz ao erro de manter no esquecimento uma série de autores essenciais, importantes nomes da filosofia acadêmica que estão na base da filosofia contemporânea. Felizmente, nos últimos anos, estes pensadores vêm sendo retomados, e entre os nomes recuperados se destaca o de Rudolf Hermann Lotze.

Lotze foi um dos filósofos mais proeminentes da Alemanha na segunda metade do século XIX.² Durante quase quarenta anos (1844-1881) ocupou a cátedra de Göttingen, uma das mais prestigiadas no território germânico. Também foi

2. Para se ter uma ideia da importância de Lotze, destaca-se o comentário de um estudioso americano em 1912: “Pode-se dizer de forma segura que atualmente existem poucos pensadores com mais de quarenta e cinco anos na Alemanha que não estão em dívida com Lotze por sua atitude mental, gostos intelectuais ou elementos de uma cultura geral os quais lhes permitem olhar além de seu próprio departamento de atividade individual.” Tradução livre de: “*It may be safely said that there are now few thinking men over forty-five in Germany who are not indebted to Lotze for mental poise, intellectual tastes or elements of a general culture which enable them to look beyond their own individual department of activity.*” (WILLEY, 1978, p.40-41).

professor de figuras notáveis como Gottlob Frege, Wilhelm Windelband, Franz Brentano, Wilhelm Dilthey e Edmund Husserl. Além de influenciar decisivamente filósofos de países anglófonos que desfrutaram do que Beiser (2017, p.85) chamou de “o período lotzeano”, que se estendeu de 1880 até 1920.

Uma das razões que fizeram com que Lotze caísse no esquecimento após a primeira guerra mundial, segundo Beiser (2013, p.131), é a de que “Não há uma tal coisa como a filosofia de Lotze, uma doutrina coerente que ele seguiu durante sua vida.”³ O que interessava a Lotze era antes um movimento de reflexão filosófica⁴ que ele estendeu às mais diversas áreas do conhecimento, como a lógica, a metafísica, a ética, a música, a linguagem, a estética, a medicina, a religião e a arte.

Serão tratados a seguir alguns dos pontos trabalhados por Lotze ao voltar-se para o tema da linguagem na obra “*Microcosmus*”. Com efeito, ele dedicou consideráveis páginas para o assunto nos dois volumes dos livros. Contudo, estas foram muito pouco estudadas. Para Sullivan (2014, p.9), este é um fenômeno estranho, uma vez que “até meados do século, muitos teóricos abordaram diferentemente o estudo da linguagem disponíveis, Lotze, sem dúvida, é o mais importante dos filósofos acadêmicos convencionais a voltar sua atenção para este tema.”⁵

Para dar conta do proposto, a análise parte de uma reconstrução de fatos relevantes da biografia de Lotze, situando-o dentro do panorama acadêmico da filosofia germânica da segunda metade do século XIX, para, em seguida, voltar-se para a questão da linguagem como tema frutífero que interessou os mais diversos pensadores deste período, e, então, apresentado este *background*, ressaltar os avanços feitos por Lotze no estudo da linguagem, mais especificamente no que tange as relações com o pensamento.

3. Tradução livre de: “*there is no such thing as the philosophy of Lotze, a coherent doctrine that he held throughout his life.*” (BEISER, 2013, p.131).

4. Nas palavras do próprio Lotze (1887, p.219): “Admito prontamente que eu tomo a Filosofia [como sendo] todo um movimento interior do espírito humano. Só na história desse espírito teve a Filosofia a sua história. É um esforço, dentro dos limites pressupostos, mesmo para nós mesmo absolutamente desconhecidos, que nossa experiência terrena nos impõe, para obter uma visão consistente do mundo – um esforço que nos leva a algo além da satisfação das necessidades da vida, do ensino a fim de nos estabelecer diante de nós mesmos e alcançar objetos dignos de viver. Uma verdade absoluta, como as que os arcanjos do céu teriam de aceitar, não é seu objetivo, nem o fracasso em perceber tal objeto torna nossos esforços inúteis.” Tradução livre de: “*I readily admit that I take Philosophy to be throughout merely an inner movement of the human spirit. In the history of that spirit alone has Philosophy its history. It is an effort, within the presupposed limits, even to ourselves absolutely unknown, which our earthly existence imposes on us, to gain a consistent view of the world — an effort which carries us to something beyond the satisfaction of the wants of life, teaching us to set before ourselves and to attain worthy objects in living. An absolute truth, such as the archangels in heaven would have to accept, is not its object, nor does the failure to realise such an object make our efforts bootless.*”

5. Tradução livre de: “[...] by mid-century, many different theoretic approaches to the study of language were available, Lotze is undoubtedly the most important of the mainstream academic philosophers to turn his attention to this topic.” (SULLIVAN, 2014, p.9).

2. O FILÓSOFO: RUDOLF HERMANN LOTZE

Rudolf Herman Lotze nasceu em Bautzen (Saxônia) em 21 de maio de 1817, e cresceu na pequena cidade protestante de Zittau, onde frequentou o ginásio. Em seguida, mudou-se para cursar Medicina – com ênfase em biologia e fisiologia – e Filosofia, na Universidade de Leipzig, onde obteve o título de Doutor em ambas as faculdades no ano de 1838.⁶

Durante sua estadia em Leipzig foi influenciado por algumas figuras marcantes, como Christian Hermann Weiße (1800-1867), que o introduziu a Hegel e Schelling e foi sua principal figura filosófica, Ernst Friedrich Apelt (1812-1859)⁷, além de Jakob Friedrich Fries (1773-1843) que, embora Lotze não o cite nos escritos publicados de modo direto, como o fez com os demais casos acima, referiu-se a ele em cartas trocadas com Apelt durante muitos anos.⁸

Ao observar essas influências, é preciso voltar-se também para a pesquisa no campo das ciências naturais desenvolvida por Lotze.⁹ Entre os nomes que

6. Vide a esse respeito a obra indicada: WOODWARD, William R. Hermann Lotze: an intellectual biography. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

7. Como observou Woodward (2015, p.45) “Embora Lotze tenha estudado com todos esses cientistas médicos durante seus anos na universidade, ele assistiu a palestras de um único filósofo – Christian Hermann Weiße. Na verdade, foi Weiße que o apresentou aos pensamentos de G.W.F.Hegel e F.W.J.Schelling. Mas as cartas de Lotze para um amigo cinco anos mais velho, Ernst Friedrich Apelt (1812-1859), revelam outra fonte extremamente importante – e amplamente ignorada – de seu treinamento matemático e filosófico inicial durante a década de 1830. Como este último mentor também desempenhou um papel fundamental na filosofia da ciência na Alemanha, sua associação com Lotze nesses anos formativos merece atenção.”. Tradução livre de: “*Although Lotze studied with all these medical scientists during his university years, he heard lectures of only one philosopher – Christian Hermann Weiße. Indeed, it was Weiße who introduced him to the thoughts of G.W.F.Hegel and F.W.J. Schelling. But Lotze’s letters to a friend five years older, Ernst Friedrich Apelt (1812-1859), reveal another extremely important – and largely overlooked – source of his initial mathematical and philosophical training during the 1830s. Because this latter mentor also played a fundamental role in Germany philosophy of science, his association with Lotze in these formative years commands attention.*”

8. A este respeito esclarece Woodward (2015, p.48): “Há boas razões para o fato de que Lotze não reconheceu Fries em seus escritos publicados. Nem mencionou Apelt, apesar de sua comunidade de ideias [...] No entanto, entre 1835 até 1840, Lotze referiu-se a Fries regularmente em suas cartas para Apelt. Pode ser que Lotze escondeu suas influências intelectuais por razões políticas acadêmicas. Fries tinha sido despojado de seu direito de ensinar filosofia depois que ele apoiou uma manifestação dos estudantes em favor dos direitos constitucionais em 1817.” Tradução livre de: “*There are good reasons for the fact that Lotze did not acknowledge Fries in his published writings. Nor did he mention Apelt, despite the community of ideas[...]. Yet from about 1835 until 1840, Lotze referred to Fries regularly in his letters to Apelt. It may be that Lotze covered his intellectual tracks for academic political reasons. Fries had been stripped of the right to teach philosophy after he supported a student demonstration in favor of constitutional rights back in 1817. [...]*”

9. As ciências naturais desempenharam uma função considerável nos apontamentos filosóficos de Lotze, conforme observou Beiser (2013, p.140) vide que: “O primeiro fruto da educação médica de Lotze em Leipzig foi a sua dissertação *De futurae biologiae principiis philosophicis*, que ele

marcaram seus estudos, destacam-se Ernst Weber e Gustav Fechner. Este último foi um importante cientista que assinalou decisivamente os rumos da história da psicologia moderna com seus estudos de psicofísica, sendo umas das figuras mais memoráveis do século XIX.

Durante seus anos de estudante em Leipzig, Lotze produziu, além de sua dissertação, alguns ensaios que parecem já antecipar pontos marcantes de sua filosofia madura. O primeiro deles, intitulado *Geographische Phantasien*, foi escrito para um pequeno círculo de amigos de Zittau, em 1836, após uma visita à cidade, e reflete sobre a relação entre mente e natureza. O segundo texto de relevância deste período, o *Pensées d'un Idiot sur Descartes, Spinoza et Leibniz*, foi escrito por volta de 1838, e fornece um panorama dos argumentos de Descartes, Spinoza e Leibniz a respeito do problema psicofísico, no qual Lotze argumenta a favor da solução leibniziana.

Após terminar sua graduação em julho de 1838, Lotze retorna para a cidade de Zittau com o intuito de praticar medicina. Como escreveu Beiser (2013), ele pratica medicina por alguns anos, embora seu coração não estivesse nesse trabalho. Em carta enviada a Weiße, ele reclama nesta época de seu isolamento, da ausência de participação em um mundo cultural e da falta de oportunidades de trabalhar com filosofia.

Decidido a focar sua atenção na carreira acadêmica filosófica, Lotze utilizou o tempo que esteve em Zittau para se preparar. Seu isolamento parece, finalmente, transformar-se em algo positivo, na medida em que permite manter sua concentração no trabalho. Sua produção deste período é, de fato, surpreendente. Remontam a este período suas primeiras publicações de críticas e artigos, e, segundo Beiser (2013), o filósofo alemão produz nesta ocasião os primeiros rascunhos de sua *Metaphysik*, estudou a filosofia de Herbart, preparou sua *Habilitationsschrift*, além de resenhas como a de *Allgemeine Pathologie*, de Karl Wilhelm Stark. Além disso, continuou se dedicando a seu antigo hobby: a poesia.¹⁰

apresentou em julho de 1838 como parte dos requisitos de doutorado em medicina. A um grau notável, esse pequeno tratado antecipa em grande parte sua filosofia posterior." Tradução livre de: "The first fruit of Lotze's medical education at Leipzig was his dissertation *De futurae biologiae principiis philosophicis*, which he submitted in July 1838 as part of his requirements for a doctorate of medicine. To a remarkable degree this little tract anticipates much of his later philosophy."

10. As inclinações de Lotze pela poesia e literatura remetiam a seus tempos de infância. De acordo com Woodward (2015, p. 26-27): "Hermann tornou-se uma criança sensível e um tanto pensativa. Ele estava inclinado à arte e à escrita, mas compartilhou algum interesse científico com seu pai e irmão. De fato, como acentua Copleston (1994, p. 377) "De acordo com o próprio Lotze, era sua inclinação para a poesia e a arte que originalmente o levou a voltar sua mente para a filosofia." Tradução livre de: "Hermann became a sensitive, somewhat brooding child. He was inclined to art and writing but shared some scientific interest with his brother and father." e "According to Lotze himself it was his inclination to poetry and art which originally turned his mind to philosophy." (COPLESTON, 1994, p.377)

Na primavera de 1840, Lotze ainda estava ansioso para sair de Zittau. No entanto, ele não o fez, pois acabara de firmar um compromisso de noivado com Ferdinande de Hoffmann, filha de um pastor de uma cidade próxima. No entanto, como pontuou Beiser (2013), Ferdinande não seria suficiente para manter em Zittau o jovem filósofo, que almejava uma carreira acadêmica e havia começado a planejar sua habilitação na Universidade de Leipzig.

Ao retornar a Leipzig, concluiu sua *Habilitation* em medicina em 1839 e em filosofia em 1840. Nos anos seguintes, passou a lecionar na universidade de Leipzig em ambas as faculdades, sem remuneração, e, posteriormente, por conta das intervenções de Rudolph Wagner, de acordo com Beiser (2013), conseguiu obter um posto de professor na universidade de Göttingen, sucedendo Herbart em sua cátedra, com um salário considerável. Assim, aos 27 anos, Lotze obteve uma posição em uma das universidades mais prestigiadas da Alemanha.

Göttingen se tornaria a casa de Lotze pelos próximos trinta e sete anos e o palco onde ele desenvolveria seus trabalhos de maior peso, como o ensaio "*Microcosmus: an essay concerning man and his relation to the world*" (1856 - 1864) e a sua "*Logic: in three books: of thought, of investigation and of knowledge*" (1874), onde ele exerceria sua influência como uma das maiores figuras acadêmicas do período.¹¹

De acordo com Sullivan (1998), Lotze se destacou na filosofia acadêmica germânica, situando-se entre o período de derrocada do Idealismo absoluto de Hegel e o surgimento do movimento Neo-Kantiano. Sua obra é marcada por uma combinação de respeito pelas novas descobertas científicas, das quais ele se mostrou entusiasta, junto a resquícios de traços típicos do idealismo. A combinação destes dois diferentes polos de compreensão gerou uma peculiaridade em seu tratamento filosófico.

Durante sua estadia em Göttingen o filósofo se retirou cada vez mais da vida social e política de seu entorno. Segundo Beiser (2013), as ambições de Lotze requeriam tempo, tranquilidade e isolamento, e ele se certificou de organizar toda

11. Em artigo publicado na revista *Mind* no ano de 1876 Lotze foi considerado "por consentimento quase universal, o professor filosófico mais popular que a Alemanha possui agora. [...] A influência de Lotze se sentiu mais profundamente e se espalhou mais amplamente que eu duvido se houver qualquer pensador alemão com menos de quarenta anos de idade, sobre quem o professor de Göttingen não lançou uma influência intelectual. Sua influência não está limitada a Alemanha; é igualmente grande na Holanda; está se manifestando na França; Lotze já é bem conhecido na Inglaterra; e aqui na Escócia e todos os nossos estudantes que leem alemão estão fascinados por seu *Microcosmo*." Tradução livre de: "*by almost universal consent the most popular philosophical teacher that Germany now possesses. [...] Lotze's influence has made itself felt most deeply and has spread most widely that I doubt if there is any German thinker under forty years of age on whom the Göttingen professor has not set his intellectual stamp. No is his influence confined to Germany; it is equally great in Holland; it is manifesting itself in France; Lotze is already well know in England; and here in Scotland all our students who read German are fascinated by his Mikrokosmos.*" (LINDSAY, 1876, p. 363).

sua vida semi-rural para que o necessário fosse provido e isto em muito combinava com seu temperamento melancólico, e as constantes dores de cabeça e hipocondria.

Enquanto esteve em Göttingen, Lotze recebeu ofertas de outras universidades com postos de professor que estariam à sua espera, como Leipzig, Tübingen e Berlim. Contudo, ele optou por permanecer em Göttingen até março de 1865. Conforme descreveu Beiser (2013), em 1865 o mundo pacato que Lotze havia habilmente construído começou a ruir, primeiro com a morte de Ferdinande, sua esposa, seguida pela morte de seu terceiro filho Rudolf, sendo que dois mais velhos já haviam saído de casa. Lotze ficou sozinho junto de seu filho mais novo, e nos meses que se seguiram às mortes teve de enfrentar um quadro de depressão.

A vida de Lotze se manteria solitária e rotineira até abril de 1880, quando recebeu a visita de Eduard Zeller, professor de Berlim. Mediante uma nova proposta da universidade de Berlim, Lotze aceitou a cátedra que anteriormente havia recusado. Em abril de 1881 se mudou definitivamente para Berlim, parecendo satisfeito, segundo Beiser (2013), com a mudança de ares.

Tragicamente, no feriado de pentecostes, ao retornar a Göttingen para cuidar de seu jardim, frente ao clima desfavorável da cidade contraiu um resfriado que se agravou durante sua viagem de retorno a Berlim, transformando-se em uma infecção pulmonar que piorou rapidamente até leva-lo a morte. Em 1 de julho de 1881, Lotze faleceu, sendo enterrado em Göttingen ao lado de sua esposa.

3. O CONTEXTO: LINGUAGEM E PENSAMENTO NO SÉCULO XIX

O questionamento a respeito da linguagem perpassa toda a história filosófica e surgiu ainda com os gregos, mas foi na modernidade que floresceu como tema independente. Foram os pensadores modernos os primeiros a perceber, segundo Cloeren (1988), que era uma falácia a suposição de que a linguagem poderia ser usada como uma ferramenta neutra e sempre disponível ao pensamento.

Esta suspeita ganhou ainda mais adeptos no decorrer do século XVIII e XIX, quando se consolidaram os primeiros debates a respeito da relação entre pensamento e linguagem, em especial qual o impacto da linguagem na filosofia, e suas relações com esta. No entender de Cloeren (1988), este debate foi apresentado a partir de duas grandes perspectivas: (i) dos autores empiristas e racionalistas do século XVIII; e (ii) dos trabalhos de linguística e psicologia do século XIX.

Os pensadores do século XVIII, na interpretação de Cloeren (1988), tiveram uma orientação muito prática das questões a respeito da linguagem sendo que boa

parcela deles ignorou questões de cunho transcendental. A este respeito, esclarece Lifschitz (2012) que para muitos destes filósofos, como Condillac e Herder, os pontos principais a serem debatidos eram: (i) se a linguagem desempenhava um papel constitutivo na mente humana; e (ii) se os sinais linguísticos deveriam ser arbitrários ou artificiais, ou seja, se haviam sido criados por um agente consciente e se poderiam ser distinguíveis de meros sons naturais como gritos e gestos produzidos por animais.

Há ainda um terceiro ponto, identificada por Cloeren (1988) com uma visão instrumentalista da relação entre linguagem e pensamento e que foi comum à maioria dos pensadores, a exemplo de Locke, Diderot, Voltaire, Rousseau, Adam Smith e Herder. Esta visão da linguagem como uma ferramenta que assistiria o homem em sua jornada mental faz parte de uma vasta gama de novos esclarecimentos que surgiram, voltados à figura humana, no século XVII e XVIII, sobretudo no que tratam a respeito de fenômenos culturais e políticos.

Assim, observa-se que o tema da linguagem ter retornado ao centro das atenções durante o movimento iluminista e que filósofos empiristas e racionalistas terem se dedicado a ele não é tão surpreendente, de acordo com Lifschitz (2012), já que o século XVIII representou o auge das investigações sobre fenômenos culturais - a linguagem nada mais é que um destes fenômenos.

Se, por um lado, um número considerável de pensadores buscou durante o século XVIII deixar Deus fora da questão filosófica, e tornar a linguagem uma ferramenta humana, como escreve Lifschitz (2012), e isto se mostra verdadeiro sobretudo em território francês e inglês, por outro, o mesmo não sucede com os territórios de fala germânica, onde os estudos da linguagem florescem lado a lado durante o século XVIII com questões teológicas e, no século XIX, com questões nacionais.¹²

O cenário germânico do século XIX, no entender de Benes (2008), no que se refere à linguagem, dispõe de algumas características peculiares. Primeiro deve-se prestar atenção ao fato de que foi em território germânico que a linguística se consolidou como ciência, e que as mais diversas áreas de conhecimento se voltaram

12. Vale lembrar, como esclarece Benes (2008, p.6-9) que "A forma da mudança linguística na Alemanha dependia, como Jay sugere, de uma tradição protestante de exegeses bíblica. No seu ponto de vista, os estudiosos alemães estavam mais preocupados com a hermenêutica, a interpretação, a tradução e a explicação de textos. Jay observa com razão as raízes modernas iniciais da hermenêutica alemã e seus laços íntimos com a Reforma." Também se destaca que "No final do século XVIII, a filologia enfraqueceu decisivamente o vínculo entre a Bíblia e a teologia. [...] No século XIX, a contínua amalgama da cultura e da religião colocou os debates teológicos dentro dos quadros nacionais." Tradução livre de: "*The shape of the linguistic turn in Germany depended, as Jay suggests, on a Protestant tradition of biblical exegeses. In his view, German scholars were most concerned with hermeneutics, the interpreting, translating, and explaining of texts. Jay rightly notes the early modern roots of German hermeneutics and its close ties to the Reformation.*" E "*By the end of the eighteenth century, philology had decisively weakened the bond between the Bible and theology. [...] By the nineteenth century the continued amalgamation of culture and religion placed theological debates within national frameworks.*"

ao tema. Em segundo lugar, ao próprio contexto universitário que manteve seu caráter humanista após as reformas dos séculos XV e XVI e ao estudo das artes liberais da gramática, retórica e dialética. Por fim, à fluência de línguas estrangeiras, que cativaram os intelectuais germânicos, como as línguas indiana e chinesa, que estimularam o estudo da linguística comparada.

É claro que, como pontuou Benes (2008, p.7), “dentro da tradição europeia, a linguagem também tem sido um meio de reflexão sobre questões de epistemologia e teologia.”¹³, mas ela nunca tinha recebido tanta ênfase e tanto espaço nos mais diferentes campos de estudo, e, sobretudo, na filosofia. Não era mais tratada como um tema secundário ou que servia como ferramenta da análise lógica, mas alcançou um novo patamar de interesse para os filósofos, que a descobrem por si mesma como objeto.

O que particulariza estes diferentes pensadores do século XIX e que os diferem profundamente dos filósofos que lidam com o tema da linguagem no século XX, é que eles dispunham de um conhecimento mais variado a respeito da linguagem. Isto é, eles conheciam não somente o alemão, mas também, as línguas modernas e antigas como grego, hebraico, latim, e sânscrito e em alguns como Humboldt conheciam também línguas indígenas e foram dedicados estudiosos das mais variadas linguagens. Em geral, de acordo com Forster (2013), estes autores também buscaram ampliar o campo de atenção e a linguagem raramente foi abordada sozinha, em geral, vinha acompanhada e ampliada por questões culturais, de interpretação, tradução, religiosas, de psicologia, mitologia, nacionalidade, arte e ética-política.

Nos filósofos deste século XIX, sobretudo a partir da segunda metade do século, segundo Cloeren (1988), pode-se observar uma influência anti-metafísica inspirada pelos empiristas britânicos e pela filosofia transcendental de Kant, em uma investigação interessada profundamente pela possibilidade de conhecer, pela filosofia e pela própria ciência que emergia cada vez mais fortalecida.

Em especial, a relação entre linguagem e pensamento, já vinha captando o interesse de filósofos desde o século XVII, e XVIII, mas é somente no século XIX que ela ganha força e se consolida entre os autores. A respeito disto escreve Forster (2013) que a relação entre linguagem e pensamento e entre linguagem e a natureza do significado passa a ser o cerne para o qual os diferentes autores se voltam em suas reflexões.

De fato, é ainda no século XVIII que os acadêmicos germânicos se voltam para o tema. Como escreveu Lifschitz (2012), a Academia de Ciências de Berlim propôs como questão de seu concurso de 1759, a relação da influência da linguagem

13. Tradução livre de: “*within the European tradition language had also long been a medium for reflecting on questions of epistemology and theology*”(BENES, 2008, p.7).

e as opiniões – entendidas como pensamentos – ou seja, a relação entre a linguagem e a mente. O assunto captou o interesse de muitos filósofos, e o debate se estendeu pelas décadas seguintes e foram recebidos textos de diferentes nacionalidades.

Durante o século XVIII, o ponto comum entre os autores, segundo Formigari (2004), foi que a linguagem era composta por um caráter dual, ela servia como evidência da distinção entre intuição e pensamento, a concretude do sensível em oposição aos signos linguísticos, ela era um instrumento que, não obstante, podia confundir a verdade que se dispunha a mostrar.

O século XIX germânico é marcado justamente por uma crescente oposição frente a esta noção iluminista de dualidade, a este respeito, vide o excerto abaixo:

Herder e Hamann prepararam o terreno para a filosofia da linguagem do século XIX, rejeitando bruscamente o dualismo do Iluminismo tradicional sobre a relação entre pensamento e linguagem, conceito e palavra, a favor de ver o pensamento como essencialmente dependente e limitado por (ou mesmo idêntico a) linguagem e conceitos como consistindo em usos de palavras. No início do século XIX, os românticos e Wilhelm von Humboldt assumiram essa posição e a revisaram para incluir uma imagem mais holística da linguagem. Eles então usaram isso como uma base para construir uma nova ciência da linguística (Friedrich Schlegel e Humboldt), uma nova teoria da interpretação (ou “hermenêutica”), e uma nova teoria da tradução (em ambos os casos principalmente Schleiermacher). Nem a filosofia da linguagem germânica permaneceu confinada a esse grupo e seus muitos descendentes diretos; também vieram a desempenhar um papel importante em filósofos tão diversos como Otto Gruppe, Nietzsche, Frege e Fritz Mauthner. (FORSTER; GJESDAL, 2015, p.5).¹⁴

À luz da interpretação de Forster e Gjesdal (2015), observa-se que os filósofos germânicos no século XIX, em oposição aos iluministas, trabalharam para reunir a relação entre pensamento e linguagem não mais como opostos, mas como dependentes e limitados, ou ainda recriando uma versão mais holística da teoria. Embora esta visão não tenha sido adotada por todos os filósofos do período, e o próprio Lotze tenha algo a dizer a respeito, ela foi, sem dúvida, um aspecto importante da filosofia germânica.

A compreensão deste cenário germânico é peça chave no estudo de Lotze e de seus apontamentos sobre a linguagem. Primeiro, porque Lotze foi marcado por esta

14. Tradução livre de: “Herder and Hamann had prepared the ground for nineteenth-century philosophy of language by sharply rejecting a traditional Enlightenment dualism concerning the relation between thought and languages, concept and word, in favor of seeing thought as essentially dependent on and bounded by (or even identical with) language, and concepts as consisting in word-usages. By the beginning of the nineteenth century the Romantics and Wilhelm von Humboldt took over this position and revised it in order to include a more holistic picture of language. They then used this as a foundation on which to build a new science of linguistics (Friedrich Schlegel and Humboldt), a new theory of interpretation (or “hermeneutics”), and a new theory of translation (in both of these cases mainly Schleiermacher). Nor did philosophy of language in nineteenth-century Germany remain confined to that group and its many direct descendants; it also came to play a large role in such diverse philosophers as Otto Gruppe, Nietzsche, Frege, and Fritz Mauthner.” (FORSTER; GJESDAL, 2015, p.5).

educação germânico humanística¹⁵, em segundo porque ele próprio desenvolveu como muitos de seus contemporâneos os mais diversos temas em suas obras¹⁶, e por último porque suas passagens a respeito da linguagem estão assinaladas pela preocupação da relação linguagem e pensamento, bem como por outros assuntos, como a história.

Conforme observou Kuntz (1971, p.102), as contribuições de Lotze não figuram hoje nos livros entre os principais nomes do estudo linguístico, ou lógico, porém, o filósofo de Göttingen foi responsável por realizar “*a modestly linguistic turn*”, especialmente no que toca os temas relacionados a gramática, lógica e pensamento, como ver-se-á no tópico a seguir.

4. OBSERVAÇÕES SOBRE A LINGUAGEM NA OBRA “MICROCOSMUS”

O filósofo de Göttingen não escreveu nenhum tratado específico sobre a linguagem, porém, em vários de seus textos desde a juventude até sua filosofia madura, como escreveu Milkov (2006, p.51), “Lotze fez grandes esforços para elaborar uma convincente filosofia da linguagem”.¹⁷ São para estes apontamentos sobre a linguagem, sobretudo os que se concentram na terceira parte do quinto capítulo do primeiro volume de *Microcosmus* que se volta a atenção aqui.

15. Sobre a educação de Lotze e a questão humanística da escola germânica, escreveu Woodward (2015, p. 29-30): “Para que fim o novo quadro educacional buscava desenvolver a independência da mente? Em que medida eles devem obediência à autoridade? Um ponto de vista da consciência coletiva estava crescendo. Quais foram as normas para a apreciação da beleza? O veículo para esse questionamento intelectual, moral e estético tornou-se a linguagem: ‘quanto mais claro e mais corretamente o homem pensa, mais definitivo e inteligível é o seu discurso.’ A linguagem e o cultivo da estética da personalidade caracterizavam uma nova função pública dual para a educação em um período pós-napoleônico. O monarca viu na educação humanista uma fonte para assistentes administrativos; a nova elite educada, no entanto, considerava-se uma espécie de nobreza espiritual.”. Tradução livre de: “*To what end did the new educational cadre seek to develop independence of mind? To what extent did they owe obedience to authority? A standpoint of collective consciousness was growing. What were the norms for the appreciation of beauty? The vehicle for this intellectual, moral, and aesthetic questioning became languages: “the clearer and more correctly a man thinks, the more definite and intelligible is his speech.” Language and the aesthetic cultivation of personality connoted a new dual public function for education in the post-Napoleonic period. The monarch saw in humanistic education a source for administrative assistants; the new educated elite, however, viewed itself as a kind of spiritual nobility.*”

16. Isto se deve ao menos em parte, como escreveu Kuntz (1971), à sua formação múltipla e de caráter dual, pois Lotze recebeu uma educação de base tanto humanista quanto científica, ou seja, foi um conhecedor exímio da medicina e das novas ciências emergentes em seu período, mas também um versado em línguas clássicas (sua dissertação além de notas de aula foram escritas em Latim), e da literatura antiga (ele traduziu tragédias do grego), e também desenvolveu interesses estéticos e teológicos.

17. Tradução livre de: “*Lotze made enormous efforts to elaborate a convincing philosophy of language.*” (MILKOV, 2006, p.51).

O percurso traçado por Lotze (1888) passa da palavra falada e seu excitamento físico para a linguagem e sua relação com o pensamento, o significado das palavras, as formas sintáticas, e a relação de dependência entre pensamento e discurso, além de temas semelhantes que giram em torno desta mesma discussão de linguagem e pensar. Ver-se-á alguns destes pontos agora.

A abordagem lotzeana parte do corpo para a mente, ou seja, do som para o pensamento. Assim, ainda em suas primeiras páginas, Lotze (1888) afirma que a voz funciona semelhante a uma fotografia que reproduz a forma exata, o timbre, a intensidade das impressões produzidas pela emoção na mente. Mas, ela não é apenas isto, o mero pronunciar do som está distante de ser ainda o que se entende por linguagem humana.

Para Lotze (1888, p.606), foi passado por alto por muitos dos teóricos modernos que entre a linguagem humana propriamente, com sua conexão de um pensamento formador, e o mero pronunciar de sons produzidos por alguns animais, há uma diferença de graus intermediários que se estendem em uma lista considerável. Visto que, embora “A natureza conferiu voz às raças de animais, muitos a desenvolveram em canções, nenhuma em fala.”¹⁸ Mediante este curioso fato, Lotze (1888) questiona-se a respeito desta diferença qualitativa. Qual seria sua causa? Os animais não têm desejo de se expressarem, ou eles são impedidos por algum obstáculo físico?¹⁹

A resposta para o pensador de Göttingen (1888) é que ambas as hipóteses estão corretas. Os animais apresentam uma audição defeituosa que não permite o mesmo grau de desejo por expressão que se encontra no homem; ao mesmo tempo, eles também dispõem de uma falta de harmonia entre as ideias, sons e movimentos do corpo, o que prejudicaria a possibilidade de comunicação.

Segundo Woodward (2015), Lotze mediante estas pontuações está estabelecendo uma diferença entre um caráter subjetivo da linguagem e um caráter objetivo que divide a relação entre pensamento e realidade. No caso humano, a linguagem não se restringe a uma produção de sons imperfeitos e aleatórios, *au contraire*, ela lida com sons objetivos que são submetidos as regras.

De acordo com Lotze (1888), um exemplo a respeito deste caráter objetivo da linguagem são as vogais. As vogais aparecem ao homem com um valor regular

18. Tradução livre de: “Nature has bestowed voice on many races of animals, many developed it into song, none into speech.” (LOTZE, 1888, p.606).

19. Esta distinção lotzeana entre a linguagem e o mero som já está presente ainda que partilhando de outras características no pensamento cartesiano, quando no “Discurso do Método” se observa a distinção do filósofo francês entre a voz e o mero som dos animais e a linguagem humana, ou ainda os graus de perfeição diferentes que ambas alcançam. A este respeito, Descartes (2011, p. 96-97) pontua que no caso dos animais: “Isto não acontece por lhe faltarem órgãos, pois as pegas e os papagaios podem proferir palavras como nós; entretanto não podem falar como nós, isto é, atestando que pensam o que dizem [...]”.

e intrínseco, de modo que o sistema de voz humano possa pronunciá-lo sempre de forma semelhante, permitindo assim atender a um atributo de necessidade e regularidade que o discurso animal não é capaz de dispor. O mesmo, embora seja mais difícil explicar, acontece com o som das consoantes.

A respeito desta objetividade existente no som, vide o excerto abaixo:

Consequentemente pode surgir que esses sons por si só nos parecem puros, genuínos, normais, e simples, e que nosso ouvido procura derivar todos os outros deles como compostos ou misturados. Agora, essa susceptibilidade a essa verdade objetiva nos sons é o que eu designei ao sentido humano da audição em contraste com o animal. E quanto mais delicado este poder de discriminação mais sensibilidade se esforça para reproduzir estes sons, por meio da voz como seu órgão produtivo, e para reduzir e articular a soma caótica de sons possíveis nesses elementos nitidamente separados. (LOTZE, 1888, p.609).²⁰

No entendimento de Lotze (1888), o que diferencia os sons atribuídos aos humanos daqueles atribuídos aos animais é a presença de uma verdade objetiva que é suscetível, e que dispõe do poder de discriminar entre os sons e sentimentos, de modo que a voz irá se esforçar em produzir não mais um fruto caótico que responde as influências externas ambientais, porém, sim elementos nítidos e separados.

O ponto central desta argumentação a qual Lotze (1888, p.613) dedica considerável número de páginas, é que o homem apresenta uma determinada organização corporal que participa no ato de se expressar da linguagem e da voz. E nisto, ele está destacando que a operação da voz não lida tanto com a energia mental diretamente, mas com o que surge como sua manifestação no mundo físico e que obedece, neste sentido, também a certas regras físicas. “Aqui a mente não está em casa, e não sofre perda de dignidade por ter seu meio de expressão, som, e poder usar este meio conferido a ele sem qualquer escolha própria por impulsos corporais independentes.”²¹

É justamente esta observação de que a mente humana não perde em nada sua dignidade ao se servir do corpo e da voz como meio de expressão, mas que ela é apenas um dos componentes do que determina a linguagem, que direciona

20. Tradução livre de: “Hence it may arise that these sounds alone appear to us pure, genuine, normal, and simple, and that our ear seeks to derive all others from them as compound or mixed. Now this susceptibility for such an objective truth in sounds is what I would assign to the human sense of hearing in contrast to the animal; and the more delicate this power of discrimination the more will sentience strive to reproduce these sounds, through the voice as their productive organ, and to reduce and articulate the chaotic sum of possible sounds into these sharply separated elements.” (LOTZE, 1888, p.609).

21. Tradução livre de: “Here the mind is not at home, and it suffers no loss of dignity by having its medium of expression, sound, and the power of using this medium conferred on it without any choice of its own by independent bodily impulses.” (LOTZE, 1888, p.613).

Lotze para o questionamento específico do que compõe a linguagem. A este respeito, vide o trecho abaixo:

A linguagem começa com o significado associado a esses sons, e a forma peculiar do pensamento em que esse significado é lançado – uma forma que também é expressa em sons, ou, permanece sem expressões, torna o som significativo em uma palavra capaz de ser sintaticamente combinada com outras. Destes vários elementos, levando em consideração primeiro o significado contido, sabemos que agora é transmitido exclusivamente por transmissão de um para o outro, e que nossa fantasia sensível é totalmente incapaz de adivinhar do som das palavras em uma linguagem civilizada um significado que necessariamente corresponda a ele. (LOTZE, 1888, p. 615).²²

Para Lotze (1888), a linguagem começa quando o significado que se relaciona com o pensamento é associado aos sons produzidos pela voz. Isto é, o significado na forma de pensamento pode ser expresso, ou pode permanecer sem nenhuma expressão, podendo uma vez que foi enunciado se juntar a demais palavras em uma combinação sintática. Neste sentido, pode-se dizer que a linguagem é uma combinação que reúne o som, a fala “*speech*” e o pensamento “*thought*”.

Ainda segundo Lotze (1888), o significado é transmitido no dia a dia de um falante para o outro mediante uma explicação que não se reduz ao mero som, isto porque a sensibilidade ou a fantasia sensível não é suficiente para dar a entender o significado do que um homem está pensando ou ao que ele deseja se referir. É preciso que essa sensibilidade também esteja reunida a um elemento do pensar.

À luz da interpretação de Lindsay (1876, p.375), observa-se que o filósofo de Göttingen trabalha com paralelos constantes em sua filosofia, isto também se aplica no caso da linguagem, visto que, “há um paralelismo entre pensamento e fala, por exemplo, bem como entre coisas e pensamento – Metafísica, Lógica e Gramática são todas correntes paralelas.”²³

Atenta-se de que ainda na sua *small “Logic”* de 1843, Lotze já estava preocupado com esta relação. Nesta obra, segundo Milkov (2006), ele lançou alguma luz sobre o tema ao comentar que a linguagem vívida e ordinária desempenhava uma conexão entre o que era experimentado por meio dos sentidos, e as formas abstratas que eram destes extraídas depois.

22. Tradução livre de: “*Language begins with the meaning attached to these sounds, and the peculiar form of thought into which that meaning is thrown – a form which is either itself also expressed in sounds, or, remaining unexpressed, makes the significant sound into a word capable of being syntactically combined with others. Of these various elements, taking first into consideration the contained meaning, we know that now-a-days it is handed on exclusively by transmission from one to another, and that our sentient phantasy is utterly incapable of divining from the sound of the words in a civilized language a meaning such as shall necessarily correspond to it.*” (LOTZE, 1888, p.615).

23. Tradução livre de: “*there is a parallelism between thought and speech, for example, as well as between things and thought – Metaphysics, Logic and Grammar are all parallel streams.*” (LINDSAY, 1876, p.375).

No entender de Lotze (1888, p.615-616), há uma tendência na mente humana de abstrair da natureza subjetiva um estado objetivo, que é onde reside realmente a impressão. A esta tendência “devemos em grande parte, atribuir o desenvolvimento da linguagem, que, mesmo em seus inícios, não era uma mera coleção de enunciados emocionais [...]”²⁴, mas já aí exercia um pendor para comunicar os estados de espírito e os resultados do trem do pensamento.²⁵

No quarto parágrafo, a relação entre a linguagem e pensamento é aprofundada pelo filósofo, vide a passagem abaixo:

Ao entrar agora na consideração desta relação entre fala e pensamento, estamos prestes a encontrar questões que em si mesmas não são muito obscuras e dificilmente são chamadas de equívocas, mas que, em consequência da unilateralidade com a qual elas foram anteriormente discutidas, provocaram muita controvérsia. Seja qual for o sentido mais estrito que possamos dar ao termo pensamento, pelo menos o discurso não é o próprio pensamento em si mesmo, mas sua expressão, além disso, a expressão, não só dele, mas também de todos os outros movimentos da mente – de paixão não menos do que dos sentimentos tranquilos. (LOTZE, 1888, p.618).²⁶

24. Tradução livre de: “*we must in great part attribute the development of language, which even in its beginnings was no mere collection of emotional utterances [...]*” (LOTZE, 1888, p.615).

25. A respeito do trem do pensamento e suas propriedades, Lotze (1888, p.619-620), comenta: “Eu me esforcei para ilustrar a distinção que temos de fazer entre o pensamento que por si só merece esse nome por excelência, e o trem das ideias produzidas pelas leis universais do mecanismo psíquico em todos os seres animados, da mesma forma, mas com graus diferentes de vivacidade. No último nossa consciência é principalmente receptiva e passiva, ela recebe as várias impressões que a dominam do ambiente com ou sem conexão, com ou sem ordem, à medida que o acaso as traz; além disso, permite a memória, de acordo com as regras gerais da associação e recolhimento das ideias, para repetir as várias impressões na mesma combinação, às vezes significativas, às vezes sem sentido, na qual elas foram mantidas na percepção original. Pode parecer que uma longa continuação deste trem de ideias gradualmente eliminará o caráter acidental de sua conexão; pois, no decurso das coisas, os detalhes desconectados, de fato, às vezes ocorrem juntos, mas não em conjunção constante.” Tradução livre de: “*I endeavoured to illustrate a distinction which we have to make between the thinking that alone deserves that name par excellence, and the train of ideas produced by the universal laws of psychic mechanism in all animated beings in like manner, but with very different degrees of vivacity. In the latter our consciousness is mainly receptive and passive; it receives the various impressions that beset it from the environment with or without connection, with or without order, as chance brings them; further, it permits memory, according to the general rules of the association and recollection of ideas, to repeat the several impressions in the same combination, sometimes significant, sometimes meaningless, in which they were held in the original perception. It might seem that a long continuance of this train of ideas would gradually of itself eliminate the accidental character of its connection; for in the course of things unconnected details do indeed sometimes occur together, but not in constant conjunction.*” (LOTZE, 1888, p.147).

26. Tradução livre de: “*In now entering on the consideration of this relation between speech and thought, we are about to encounter questions that in themselves are not very obscure and scarcely to be called equivocal, yet which, in consequence of the one-sidedness with which they were formerly discussed, have given rise to much hot disputation. Whatever more strict sense we may give to the term thought, at any rate speech is not thought itself but its expression, and further, the expression, not of it alone, but also of every other movement of mind – of passion, no less than of tranquil feeling.*” (LOTZE, 1888, p.618).

Ao voltar a atenção para a relação entre fala e pensamento, Lotze (1888) pareceu preocupado em esclarecer aos seus leitores que eles não se mesclam completamente, e que não se deve tomar a linguagem como se fosse o próprio pensar. A fala é antes a expressão do pensamento, o modo pelo qual ele pode se apresentar entre os homens, e pelo qual também se manifestam os mais diversos sentimentos.

Neste sentido, Lotze (1888) parece se aproximar da posição mais tarde desenvolvida por Frege quando pontua que muito do que foi dito até o momento se tratou de um equívoco que serviu para provocar controvérsia. Para Forster (2013), há nestes autores uma contraposição à toda uma corrente germânica de filósofos da linguagem como Herder, Hamann, Schleiermacher, Schlegel, Wilhelm von Humboldt e Hegel, pensadores que afirmavam uma relação dependente e limitada entre linguagem e pensamento. No caso de Lotze e Frege, há antes uma reivindicação mais fraca, e uma questão de contingência em relação à linguagem.

Uma vez que a relação entre pensamento e linguagem é apenas contingente, acrescenta Lotze (1888) não há uma demanda necessária entre a organização verbal do discurso pronunciado e à organização lógica da mente. Pelo contrário, muitas vezes o que é dito não acrescenta em nada do ponto de vista lógico e não dispõe de nenhuma utilidade a não ser linguística, como se o falante lançasse mão de uma coloração peculiar que influência psicologicamente o receptor, mas não diz nada ao pensamento.²⁷

Sobre esta relação entre a lógica do pensamento e a linguagem, analisa-se o excerto que segue:

Como muitas vezes a lógica, conquanto tudo o que tem a fazer é inquerir qual é o pensamento subjacente a qualquer proposição, não importa o quanto dela esteja expressa, permite-se ser liderada pela incompletude da expressão em questionamentos desnecessários e prolongados. Mas uma coisa deve ser levada em conta: em qualquer amplitude linguagem é projetada para incluir os movimentos mais sutis do sentimento, apenas tais exposições estão na província da fala como de alguma forma expressadas sob a forma do pensamento. Nada mais do que a modulação da voz e o gesto do acompanhamento, o mero som da exclamação pertence a linguagem, mesmo quando seu significado é inequívoco; além da articulação e do significado do som, deve haver

27. Essa coloração no entender de Lotze (1888, p.618), pode ser observada quando: “A fim de mover outra mente, persuadir, manifestar o seu próprio sentimento com clareza pitoresca, e reproduzir em seu ouvinte, indicar sua própria convicção ou incerteza, discriminar entre a dúvida e a afirmação entre a demanda direta e o desejo mais modesto, entre rejeição indignada de uma ideia e sua simples negação – para todos esses fins, o falante deve poder investir o conteúdo próprio de seu pensamento de múltiplas formas que não agregam nenhuma parte material à estrutura lógica de sua sentença [...]”. Tradução livre de: “*in order to move the mind of another, to persuade, to set forth his own feeling with picturesque clearness, and to reproduce it in his hearer, to indicate his own conviction or uncertainty, to discriminate between the doubting query and the assertion, between the direct demand and the more modest wish, between indignant rejection of an idea and its mere denial – for all these purposes the speaker must be able to invest the content proper of his thought in manifold forms that add no material part to the logical structure of his sentence [...]*” (LOTZE, 1888, p.618).

uma forma peculiar de concepção inteligente que faça o som de uma palavra e lhe dê seu valor sintático. (LOTZE, 1888, p.619).²⁸

Para Lotze (1888), a lógica precisa trabalhar para revelar aquilo que está subentendido nas proposições, porque muitas vezes a linguagem complica e prolonga um pensamento simples. Mas, perante este movimento da linguagem se deve prestar atenção que ela está envolvida permanentemente com os sentimentos, e não somente com a parte racional do homem.

Assim, Lotze (1888) analisa que pertence ao âmbito linguístico e não lógico a modulação da voz, os gestos, os sentimentos, a exclamação. Tudo o que adorna e não significa propriamente. Em contrapartida, é do domínio da lógica o significado ou a concepção inteligente que permeia as palavras.

Na percepção de Milkov (2006, p.51), Lotze busca conectar a linguagem com a lógica, e neste sentido a lógica se relaciona com a estrutura linguística. De fato, "o motivo dessa suposição era que exatamente o espírito vivo e inconsciente da linguagem lança uma ponte entre a sensibilidade imediata e a definição lógica e metafísica das formas."²⁹

A respeito desta relação, observa-se o comentário abaixo:

Primeiro, Lotze nega que a linguagem seja principalmente uma empresa fonêmica, insistindo, em vez disso, que existe uma dupla dependência entre linguagem e pensamento: a linguagem não pode existir sem que os significados [*Bedeutungen*] se correlacionem com suas palavras e, no entanto, o pensamento também depende diretamente das habilidades sintáticas de uma linguagem natural dada para fornecer a forma básica pela qual a apreensão pode ocorrer. Por esta razão, a linguagem não pode ser retratada como emergente como uma espécie de 'ventilação', projetada apenas para comunicar paixões corporais e excitar simpatias animais. A linguagem também é uma expressão inadequada do nosso pensamento e, no nosso discurso atual, omitimos muito confiando nas habilidades de nossos ouvintes para reconstruir o que não é explicitamente expresso em palavras. Da mesma forma, para uma comunicação efetiva, muito depende de coisas como gestos, ênfases e outras modulações da voz. (SULLIVAN, 2014, p.9).³⁰

28. Tradução livre de: "*For very often logic, although all it has to do is to inquire what is the thought underlying any proposition, no matter how much of it is expressed, has allowed itself to be led by the incompleteness of the expression into needless and protracted questionings. But one thing must be borne in mind: to whatever extent language is designed to include the subtlest movements of feeling, only such exhibitions come within the province of speech as are in some way expressed under the forms of thought. No more than the modulation of the voice and the accompanying gesture does the mere sound of exclamation belong to language, even when its meaning is unequivocal; besides the articulation and significance of the sound, there must be further a peculiar form of intelligent conception that makes the sound a word, and gives it its syntactical value.*" (LOTZE, 1888, p.619).

29. Tradução livre de: "*The reason for this assumption was that exactly the living, unconscious spirit of language throws a bridge between the immediate sensitivity and the logical and metaphysical definition of the forms.*" (MILKOV, 2006, p.51).

30. Tradução livre de: "*First, Lotze denies that language is primarily a phonemic enterprise, insisting instead that there is a dual dependence between language and thought: language cannot exist without there being meanings [*Bedeutungen*] correlated to its words and yet thought also relies directly upon the syntactic abilities of a given natural language to provide the basic form by which apprehension may take place. For this reason, language cannot be portrayed as emerging as a species of 'venting', designed only to communicate bodily*

No entender de Sullivan (2014), o ponto central da filosofia lotzeana no que tange a relação linguagem-pensamento se localiza no fato de que entre estas esferas há uma dupla dependência, porque o pensamento auxilia a preencher a linguagem com significado e organização sintática, enquanto a linguagem fornece a base para a apreensão do conhecimento do mundo na mente.³¹

A complexidade da relação, contudo, segundo Sullivan (2014), não se esgota nessa simples dependência, uma vez que apesar deste vínculo existente, a própria linguagem não é um meio de expressão completamente adequado para o pensamento. Quando se emite o som, e se realiza a comunicação entre os homens, também se pressupõe já uma quantidade de informações que não está sendo dada necessariamente, e mesmo as informações dadas não se limitam aos significados atribuídos pelo pensamento, mas também dizem respeito a gestos e outros adereços puramente linguísticos.³²

Observando mais atentamente esta relação, Lotze (1888) pontua que não é preciso que cada parte do pensamento tenha sua própria expressão única refletida em forma de linguagem sintática, pelo contrário, é tarefa primária da linguagem separar os elementos do pensamento entre simples e complexos de modo a possibilitar um emprego mais claro e fácil.

Além desta tarefa, há ainda uma outra que parece ao filósofo de Göttingen (1888) mais essencial, trata-se de examinar inicialmente a lógica de modo correto, isto é, partir de uma investigação de como cada elemento simples é combinado com os demais, por meio de uma forma que provém da impressão sensível. Dito de outro modo, de que maneira o produto da estimulação física é transformado em um átomo e conseqüentemente num pensamento orgânico que pode ser utilizado pela mente.

passions and excite animal sympathies. Language too is an inadequate expression of our thought and in our actual speech we omit much, relying on the abilities of our hearers to reconstruct that which is not explicitly expressed in words. Likewise, for effective communication, much is dependent upon such things as gestures, emphases, and other modulations of voice." (SULLIVAN, 2014, p.9).

31. Nas palavras de Lotze (1888, p.621), "essa peculiar atividade do pensamento vem à manifestação na organização da linguagem, e por outro lado é auxiliada por esta última em suas operações." Tradução livre de: "This peculiar activity of thought comes to manifestation in the organization of language, and on the other hand is aided by the latter in its operations." (LOTZE, 1888, p.621).

32. Neste sentido, como bem pontuou Robins (1900, p.6): "Apenas uma pequena parte do significado de alguém pode ser capturada e expressa em linguagem; portanto, é incumbente a todos os que tentam interpretar um autor para ficar atrás das meras palavras, abandonar suas próprias noções particulares e pensar com o escritor, ter simpatia com ele, e compreender a agarrar a convicção subjacente que ele tentou designar pelos conceitos em declarações discursivas." Tradução livre de: "Only a small part of one's meaning can be caught and expressed in language; therefore it is incumbent on all who attempt of interpret an author to get behind the mere words, to give up their own particular notions, and think with the writer, to get into sympathy with him, and grasp the underlying conviction which he has endeavored to designate by concepts in discursive statement." (ROBINS, 1900, p.6).

No tocante a este assunto, Lotze (1888, p. 622) esclarece aos leitores na página seguinte que “o pensamento não pode usar diretamente sensações, sentimentos, modos, imagens simples ou complexas, como materiais para sua estrutura.”³³ Cada um desses particulares elementos elencados pelo autor serve de estímulos bases que serão apreendidos em sua forma e subsequentemente serão empregados e agrupados na mente. Como isto é possível? A resposta do filósofo é que isto se realiza por meio da linguagem. “A linguagem expõe esta primeira operação do pensamento na distinção de suas partes do discurso.”³⁴

Se a linguagem é uma primeira forma de impressão da realidade, é comum cair no erro de entendê-la como se esta fosse uma foto dos objetos reais. Contudo, como escreve Milkov (2006), trata-se antes de perceber que a linguagem é entendida por Lotze como um método³⁵, uma regra a respeito do modo como a cognição se comporta em sua apreensão do mundo.

Exposto de outro modo, na compreensão de Sullivan (1998), a questão é que para Lotze a formação dos conceitos na lógica – ou a formação das palavras – pertence ao pensamento e não a realidade ou ao processo de abstração do real. Para esclarecer sua teoria, ele observa os estágios de refinação de conceitos, sendo que o primeiro deles tem base no processo de nomeação da linguagem. Isto significa que a objetivação lógica depende da linguagem e de suas partes, não que o pensamento em si seja dependente, mas ele precisa da articulação linguística.

Ainda à luz da interpretação de Sullivan (1991), verifica-se que esta noção lógica de Lotze é constituída por três momentos diferentes que são tomados como pontos fixos e que devem ser pressupostos para compreender a realidade. São eles: (i) as coisas no mundo que são as bases as quais é possível acrescentar informações;

33. Tradução livre de: “*In like manner thought cannot directly make use of sensations, feelings, moods, simples or complex images, as materials for its structure [...]*” (LOTZE, 1888, p.622).

34. Tradução livre de: “*Language exhibits this first operation of thought in the distinction of its parts of speech.*” (LOTZE, 1888, p.622).

35. Esta noção da linguagem está próxima da análise que mais tarde foi desenvolvida por Frege, onde a linguagem é um ponto importante para se analisar, mas, nem por isto se pode resumir toda a filosofia lotzeana ou fregueana a ela. Nas palavras de Gabriel e Polimenov (2012, p.157): “Por conseguinte, penso que seria inadequado definir unilateralmente a filosofia analítica em termos de análise linguística. Certamente é correto que Frege respeitou a análise linguística como um método e também praticou ele mesmo. No entanto, a linguagem era mais um veículo para ele, um meio para a expressão dos pensamentos, em vez da condição da possibilidade de apreender um pensamento. A forma como Frege começa e aplica análise linguística é basicamente similar à abordagem de Lotze, que disse que devemos partir da linguagem e seguir a linguagem. Isso não significa, no entanto, que a filosofia não passa de análise linguística. [...]” Tradução livre de: “*I therefore think that it would be inadequate to one-sidedly define analytic philosophy in terms of linguistic analysis. It's definitely right that Frege respected linguistic analysis as a method and also practiced it himself. However, language was more of a vehicle for him, a medium for the expression of thoughts rather than the condition of the possibility of grasping a thought. The way Frege starts with and applies linguistic analysis is basically similar to Lotze's approach, who said that we have to start with language and follow language. This does not mean, however, that philosophy is nothing but linguistic analysis. [...]*” (GABRIEL & POLIMENOV, 2012, p.157).

(ii) as propriedades dependentes que podem relacionar uma coisa à outra; e (iii) as relações que nomeiam os conhecimentos sensoriais que separam e tornam o conteúdo interpretável.

A formação das palavras e dos conceitos, de acordo com Sullivan (2014), na filosofia lotzeana se libera de qualquer particularidade individual e subjetiva psicológica, passando a concentrar seus esforços na criação e refinamento de conteúdos objetivos que vão ser levados ao pensamento. Este processo da lógica é feito por meio da passagem entre categorias gramaticais – substantivo, adjetivo e verbo – que podem servir de espelhos as categorias lógicas do objeto localizado no mundo real.

Acerca destas formas mínimas de organização gramatical que refletem as formas lógicas do pensamento, detém-se com maior atenção em suas características, vide trecho recortado abaixo:

Enquanto se apreende substantivamente um conteúdo, reconhece-o como algo independente, autossuficiente, capaz de atuar como ponto de partida de um segundo e como ponto de destino de um terceiro conteúdo; completo em si mesmo e um todo autossuficiente, o substantivo é a forma natural a qual a linguagem primitiva - os construtores expressaram a noção de uma coisa, e então, primeiramente a usaram para designar um nada que não apresente a si mesmo aos olhos do sentido-percepção como um objeto independente. O conteúdo expresso com caráter de adjetivo é assim declarado para não ser independente, para ser algo do qual a existência, quantidade precisa, forma, e limitação venham de outro e substantivo conteúdo, o qual se faz necessário em um perpétuo estado de dependência; e as propriedades sensíveis das coisas, como exibidas por elas em estado de repouso, são o que primeiro se agarram a essa forma de adjetividade. A esses elementos, a linguagem adiciona o terceiro e indispensável do verbo, a fim de indicar o fluxo pelo qual a cadeia de eventos conecta essas imagens sem movimento; esta também é uma forma pretendida primeiramente para refletir mudanças sensíveis porém logo empregada também para expressar relações entre coisas em repouso - desde o movimento de nosso pensamento comparativo, pelo qual nós sozinhos apreendemos relações, sendo interpretados como movimentos recíprocos dos sujeitos das relações.. (LOTZE, 1888, p.622).³⁶

36. Tradução livre de: *"Inasmuch as it apprehends a content substantively, it recognizes it as something independent, self-sufficing, capable of acting as the starting point of a second and the point of destination of a third content; complete in itself and a self-sufficing whole, the substantive is the natural form in which the primitive language – builders expressed the notion of a thing, and which they therefore at first used to designate nothing that does not present itself to the eye of sense-perception as an independent object. The content stamped with the adjective character is thereby declared to be not independent, to be something whose existence, definite quantity, form, and limitation come from another and a substantive content, on which it is of necessity in a perpetual state of dependence; and the sensible properties of things, as exhibited by these in a state of repose, are what are first held fast in this form of adjectivity. To these elements language adds the third and indispensable one of the verb, in order to indicate the flux by which the course of events connects together these motionless images; this too is a form at first intended for the reflection of sensible changes, but soon employed also to express relationships between things in repose – from the movement of our comparative thought, by which alone we apprehend relationships, being interpreted as reciprocal movements of the subjects of the relationships."* (LOTZE, 1888, p.622).

No entendimento de Lotze (1888), há três principais categorias que apreendem os reflexos lógicos e se tornam espelhadas na gramática, são eles: substantivos, adjetivos e verbos. No primeiro caso, dos substantivos, ele aparece como a forma natural pela qual as coisas se expressam, isto é, por meio do uso do substantivo é possível apreender os objetos em conceitos, sendo que eles são predominantemente independentes ao designarem algo que não necessariamente esteja restrito à percepção sensível.

No caso do adjetivo, segundo Lotze (1888), sua característica principal é justamente contrária ao substantivo, porque ele é dependente de algo que existe, e cuja quantidade, forma e limites estão definidas no mundo sensível e dependente de outro conteúdo, em especial o conteúdo do substantivo. Trata-se das propriedades existentes nas coisas.

De acordo com Lotze (1888), há ainda um terceiro caso especial que é o verbo. O verbo é indispensável, pois é o responsável por comunicar a percepção do fluxo das imagens, ou seja, ele representa tanto o movimento quanto o repouso, e lida com a constante mudança de um estado ao outro.

Na concepção de Lotze (1888), estas são as três formas básicas que apresentam o mínimo de organização e divisão quando se trata das menores parcelas de coisas com as quais o pensamento lida. De fato, sem estas formas o trem das ideias seria silenciado e a voz seria meramente um acúmulo de ruídos desprovido de objetividade. Esta afirmação explicita uma divisão realizada pelo filósofo, uma vez que a palavra e o som não são mais a mesma coisa.

Com efeito, para Lotze (1888, p. 623), há uma função peculiar por meio da qual as palavras se tornam significativas e assim propriamente palavras, pois o mero som não é em si mesmo palavra. O som se torna palavra somente por meio dos acessórios das partes lógicas do discurso, estas partes “[...] servem como uniões de superfícies e juntam os vários conteúdos, que assim se tornam capazes de combinação sintática a serviço do pensamento.”³⁷

O vínculo entre o som propriamente e o pensamento continua a ser um ponto de interpelações para o filósofo, uma vez que na história se confundiu muitas vezes a habilidade de produzir sons com significado com o próprio ato de pensar. E não se soube dizer o que cabia a linguagem propriamente, ou o que era parte constituinte do pensamento. A este respeito o pensador comentou:

37. Tradução livre de: “they serve as uniting surfaces and joints for the various contents, which thus become capable of syntactic combination in the service of thought.” (LOTZE, 1888, p.623).

Por um lado, a capacidade de falar é considerada como a superioridade decisiva da natureza humana, e como sozinha permite desenvolver o verdadeiro pensamento fora do simples trem mecânico de ideias; por outro lado, ainda que as vantagens da fala não sejam negadas, não só se pensa que é independente dela, mas às vezes parece duvidoso se elas não são compensadas pelas desvantagens decorrentes do hábito de vestir mentalmente todos os pensamentos em palavras. A esse respeito, a atenção tem sido frequentemente chamada para o fato de que, desconhecida de nós mesmos, uma superstição estranha cresce dentro de nós: como podemos imaginar que um objeto cujas propriedades examinamos minuciosamente e de que formamos uma imagem completa, ainda não é totalmente conhecido por nós, desde que ignoremos seu nome! O som do nome parece de repente dissipar esse grau de obscuridade, embora não agregue nada ao conteúdo – nem sempre traz a luz implícita em indicar o lugar particular que pertence ao objeto em uma série ou dentro da esfera de um pouco mais de noção. (LOTZE, 1888, p.627).³⁸

À luz da interpretação de Lotze (1888), observa-se que apesar das vantagens existentes em colocar os pensamentos por meio da linguagem, não obstante, há também uma desvantagem que não parece ter sido considerada, uma forma de superstição estranha que habita nos homens sem que se reflita muito a respeito. Esta seria a crença de que se não se sabe o nome de um objeto, não importa quão bem o tenha analisado, a sensação de desconhecimento ou de incompreensão permanece.

Esta é uma observação curiosa, pois como Lotze (1888) esclarece, o som do nome não acrescenta nada propriamente ao conteúdo do objeto, ele não traz uma característica que antes era desconhecida, ele não lança nenhuma luz nova sobre a coisa, pelo contrário, o som é apenas o ato de falar a respeito, porém, sem nada acrescentar ou revelar além do próprio ruído.³⁹

Nas páginas seguintes o filósofo alemão se volta agora para esta característica peculiar da relação entre linguagem e pensamento. Segundo Sullivan (1991), o que Lotze analisa é que há entre o falar e o pensar uma superstição, uma fantasia, um grau de erro que é induzido à razão por meio da utilização das palavras, e que o

38. Tradução livre de: *"On the one side, the capacity of speech is looked on as constituting the decisive superiority of human nature, and as alone enabling it to develop veritable thought out of the merely mechanical train of ideas; on the other, though the advantages of speech are not denied, not only is thought held to be independent of it, but it sometimes seems doubtful whether they are not outweighed by the disadvantages entailed by the habit of mentally clothing all thoughts in words. In this respect attention has often been called to the fact that, unknown to ourselves, a strange superstition grows up within us; how apt are we to fancy that an object whose properties we have examined thoroughly, and of which we have formed a complete image, is yet not fully known to us so long as we are ignorant of its name! The sound of the name seems suddenly to dispel this degree of obscurity, though it adds nothing to the content – does not even always bring the light implied in indicating the particular place belonging to the object in a series, or within the sphere of some wider notion."* (LOTZE, 1888, p.627).

39. Isto mais tarde parece ter sido desenvolvido por Heidegger (2009, p.182) que chama atenção para a relação entre a compreensão e o escutar o som de uma palavra, de modo que, *"No es casual que digamos, cuando no hemos oído "bien", que no hemos "comprendido."*

preocupa uma vez que há uma relação de dependência, ao menos contingente, entre palavras e pensamento.⁴⁰

Uma característica que aponta para esses possíveis erros como escreveu Lotze (1888), é o fato de que a linguagem se estende para além da necessidade gerando uma fantasia na medida em que cria regras sintáticas e formas gramaticais que são desnecessárias e que podem ser postas de lado por meio da reflexão. Curioso é que justamente essas fantasias são um presente ambicioso que a linguagem desenvolvida em determinada cultura oferece para os homens que a inventam e a utilizam.

De acordo com Lotze (1888), com o tempo, o progresso e a liberdade individual há uma transformação na relação entre pensamento e linguagem. Porque quanto mais os homens avançam, mais se concentram em refletir e examinar a natureza e as coisas ao seu redor e para isto precisam cada vez mais de uma precisão, que depende em parte da obliteração da etimologia das palavras, de seu som poético e estético, voltando-se cada vez mais para necessidades práticas.⁴¹

E não meramente há uma presença estética que pode desviar as palavras de seu propósito de serem simples, mas, também, há uma tendência metafísica na sintática, segundo Lotze (1888). Embora não seja natural do discurso dizer de modo prolixo ou ineficaz o que se pode transmitir de modo claro, o mesmo não pode ser dito desta tendência de conceder uma dignidade ontológica às palavras.

Para Sullivan (2014), os homens são levados por estes erros ao se esquecerem da longa história por trás da linguagem, das tantas possíveis reservas para se dizer o mesmo, e as mais diferentes expressões. Quando se ignora a flexibilidade sintática

40. A este respeito Lotze (1888, p.624) escreve: "O pensamento não é tão absolutamente dependente da linguagem que as combinações de sons são, necessariamente, o meio por meio do qual ele expressa sua concepção formal do conteúdo das apresentações." Ainda que a mente se expressasse por outra forma que não a linguagem, ela ainda faria uso das distinções lógicas apresentadas, assim nota-se que a linguagem é apenas uma das formas possíveis de dar a conhecer o pensar. Tradução livre de: "*Thought is not so absolutely dependent on language that combinations of sounds are of necessity the medium through which it expresses its formal conception of the content of presentations.*" (LOTZE, 1888, p.624).

41. Este fenômeno para Lotze (1888, p.626) pode ser observado em departamentos particulares: "Consequentemente encontramos departamentos particulares – como o da Matemática – avançando quase para a independência das palavras, e evitando a prolixidade do discurso por uma mera sequência de símbolos de som, cuja conexão visível com os caracteres escritos é muitas vezes expressa apenas por pausas e acentuações em discurso. Assim, em geral, no curso de um desenvolvimento vigoroso, muita beleza exterior é perdida, e essas nações geralmente não avançam neste caminho, que continuam com muita exibição de eufonia sonora para dizer pouco em muitas palavras." Tradução livre de: "*Hence at last we find particular departments – as that of Mathematics – advancing almost to independence of words, and avoiding the prolixity of speech by a mere sequence of sound-symbols, whose visible connection as written characters is often expressed merely by pauses and accentuations in speech. Hence, in general, in the course of a vigorous development, much outward beauty is lost, and those nations do not usually advance on this path, which continue with much display of sonorous euphony to say little in many words.*" (LOTZE, 1888, p.626).

é possível que até o mais atento dos homens se engane com a superficialidade da forma gramatical, sobretudo ao se tratar da nominalização de predicados.

No entender de Lotze (1888, p.629-630), isto ocorre, por exemplo, quando falamos de objetos bonitos, mas “nos esquecemos que o que chamamos de bonito é originalmente uma mera determinação adjetiva que não existe além do assunto.”⁴² Fala-se do belo ou da beleza e logo os pensadores os tratam como entidades metafísicas se esquecendo de que eles são apenas um atributo linguístico. E este esquecimento pode causar muito mal quando se fala de temas éticos como Infinito, Mal, ou Liberdade atribuindo-lhes um poder como se os mesmos pudessem atuar independente do homem.⁴³

Outro problema que se torna característica desvantagem da linguagem segundo Lotze (1888), é que ao expressar o pensamento em palavras se torna obrigatório uma ordem de sucessão, que acaba gerando uma tendência a destacar ou considerar de maior importância uma coisa frente a outra meramente por esta característica accidental da apreensão gramatical.

O que preocupa o autor é que a linguagem em todos os casos parece criar uma mitologia, ou dar uma importância que não é a enfatizada pelo pensamento, vide o excerto a seguir:

Em todos esses casos, a linguagem cria para nós uma mitologia, da qual, naturalmente, no uso da linguagem nunca podemos nos libertar completamente sem ser pedantemente preciso, mas contra a influência sobre a qual moldamos nossos pensamentos devemos ser cuidadosos em nossa vigia. A lógica nem sempre nos ajuda nesta direção, e, às vezes, em seus métodos, faz concessões perniciosas a essa falsa tendência decorrente do uso da linguagem. (LOTZE, 1888, p.630).⁴⁴

42. Tradução livre de: “*we forget that what we call beautiful is originally a mere adjective determination not existing apart from a subject.*” (LOTZE, 1888, p.629).

43. Esta noção de que a linguagem cria sua própria mitologia e que preenche as palavras como se estas fossem entidades metafísicas será mais tarde observada por Nietzsche (2008, p.30-31), quando em seu pequeno ensaio “Verdade e Mentira em um sentido Extra-Moral”, ele escreve: “Como poderíamos, caso tão-somente a verdade fosse decisiva na gênese da linguagem, caso apenas o ponto de vista da certeza fosse algo decisivo nas designações, como poderíamos nós, não obstante, dizer: a pedra é dura; como se esse ‘dura’ ainda não fosse conhecido de alguma outra maneira e não só como um estímulo totalmente subjetivo! Seccionamos as coisas de acordo com gêneros, designamos a árvore como feminina e o vegetal como masculino: mas que transposição arbitrárias! Quão longe voamos para além do cânone da certeza! Falamos sobre uma serpente: a designação não tange senão ao ato de serpentear e, portanto, poderia servir também ao verme. Mas que determinações arbitrárias, que preferências unilaterais, ora por esta, ora por aquela propriedade de uma dada coisa!”.

44. Tradução livre de: “*In all these cases language creates for us a mythology, from which, of course, in the use of language we can never wholly set ourselves free without becoming pedantically precise, but against the influence of which on the moulding of our thoughts we ought to be carefully on our guard. Logic does not always assist us in this direction, nay, sometimes in its methods makes pernicious concessions to this false tendency arising from the use of language.*” (LOTZE, 1888, p.630).

Em sua análise Lotze (1888) chama atenção dos leitores para o fato de que a linguagem cria uma mitologia da qual o poder racional não é capaz de se livrar completamente, apesar de ser capaz de o identificar enquanto problema. Por si só a linguagem possui um poder de superstição que vence a constante vigia, e mediante este poder mesmo a lógica pode se tornar ineficaz.

Examinando mais atentamente esta relação, contudo, Lotze (1888, p.635) observa que para ser justo seria preciso modificar as acusações que estão sendo feitas. Isto porque, “não só pensamos discursivamente, mas também vivemos assim; não apenas elaboramos percepções desta forma, mas não as apresentam em nenhum outro.”⁴⁵

A culpa destas confusões, ou da própria forma necessária na qual a realidade se apresenta para os pensamentos e estes para a linguagem está vinculado com a constituição da mente. Segundo Lotze (1888, p.635) “nossa incapacidade de combiná-los na claridade permanente de um pensamento sem distinções é culpa, não da linguagem, mas de toda a nossa constituição mental.”⁴⁶

Conforme esclarece Lotze (1888, p.637), em verdade, “a linguagem em todas as suas operações é apenas a reprodução, não a causa, dessa tendência da nossa mente.”⁴⁷ A linguagem não dá à mente os elementos do pensamento, mas, de fato, ela é indispensável uma vez que estes elementos estejam presentes, eles são combinados para reproduzir o conteúdo da mente.

Para Lotze (1888), esta noção de que a linguagem é indispensável é o ponto chave para compreender o capítulo. Porque, embora ela recaia constantemente em problemas e embaraços devido às pré-configurações mentais, não obstante, ela é um instrumento que não deixa de ser utilizável e desejável tanto para o primeiro momento de apreensão dos objetos, quanto para um segundo momento posterior de formação da mente.

E há ainda uma vantagem que a linguagem fornece, conforme se observa abaixo:

Deixe-nos simplesmente acrescentar que a linguagem presta serviços similares ao pensamento mesmo no indivíduo sozinho. Pelo som dos nomes, por seu ritmo métrico em combinação, sugere-se as ideias e os sentimentos, bem como as lembranças do

45. Tradução livre de: “Not only do we think discursively, but we also live so; not only do we elaborate perceptions in this fashion, but they present themselves in no other.” (LOTZE, 1888, p.635).

46. Tradução livre de: “[...] *that our incapacity to combine them into the permanent clearness of a thought without distinctions is the fault, not of language, but of our whole mental constitution.*” (LOTZE, 1888, p.635).

47. Tradução livre de: “*Language in all its operations is but the reproduction, not the cause, of this tendency of our mind.*” (LOTZE, 1888, p.637).

que não está presente que, em tal abundância e distinção acompanham o curso burro dos pensamentos sem palavras. Como a rima às vezes sugere inesperadamente ao poeta uma presunção graciosa, então as palavras em geral, por meio das várias associações que se dividem em seu significado – tão frequentemente figurativo – guiam nossa imaginação ao longo de muitos caminhos que de outra forma estariam fechados, que não levam sempre para o objetivo certo, é verdade, não, muitas vezes para uma região selvagem, mas sempre nos revela um campo rico em que podemos escolher os frutos que nos convém. (LOTZE, 1888, p.638-639).⁴⁸

No entendimento de Lotze (1888), a linguagem serve para dar a conhecer o pensamento e comunicar, mas mesmo no caso em que não há outro indivíduo e se está sozinho, ela trabalha de modo semelhante para o pensamento. Os nomes, o ritmo, os sentimentos, as lembranças e as ideias podem acompanhar o ritmo silencioso do pensamento, porém, enquanto silencioso é ainda um ritmo burro na concepção lotzeana.

Ainda para Lotze (1888), as palavras possibilitam uma abertura que não depende necessariamente do pensamento, semelhante ao que ocorre com os poetas que ao se deixarem levar pela imaginação e pela métrica das palavras encontram novos caminhos que de outra forma não seria possível.

Deste modo, conclui-se que para Lotze (1888), embora as palavras não levem sempre a verdade, porque são antes um método do que um fim, e em seu desempenho de ferramenta para este fim possa causar confusões e equívocos, elas ainda representam o melhor caminho e permitem aos homens escolher entre os seus frutos os que mais lhe convém.

5. CONCLUSÃO

Conclui-se que a figura de Lotze apesar de não ter recebido destaque entre os comentadores da filosofia da linguagem, não obstante teceu comentários relevantes no que dizem respeito ao vínculo entre pensamento e linguagem e que em muitos casos se aproximaram das ideias que foram desenvolvidas por seus sucessores como Nietzsche, Frege e Heidegger.

De fato, conforme observou-se em seus dados biográficos, o autor foi educado em uma Alemanha voltada para um interesse humanístico e que tinha

48. Tradução livre de: *"Let us merely add that language renders similar services to the thought even of the individual when alone. By the sound of names, by their metrical rhythm in combination, are suggested to him attendant ideas and feelings, as well as remembrances of what is not present that would not in such abundance and distinctness accompany the dumb course of thoughts without words. As rhyme sometimes unexpectedly suggests to the poet a graceful conceit, so words in general, by means of the manifold associations cleaving to their meaning – so frequently figurative – guide our imagination along many paths that otherwise would be closed to it, that lead not always to the right goal, it is true, nay, often to a wilderness, but always disclose to us a rich field in which we can pick out the fruits that suit us."* (LOTZE, 1888, p.638-639).

a linguagem como preocupação entre seus principais temas filosóficos, históricos e filológicos, de modo que não é difícil imaginar que ele como muitos de seus contemporâneos desenvolveu um interesse pelo assunto.

Assim, pode-se notar que ele se insere em uma corrente lógica da análise da linguagem. Efetivamente, Lotze esteve preocupado em compreender como era possível a relação entre linguagem e pensamento, de que maneira ela se estabelecia e como as categorias lógicas se tornavam categorias gramaticais, ou como a própria linguagem se falhava em sua tarefa de expressar o pensamento e acrescentava a ele uma mitologia e uma metafísica, esta se dava mais pelo próprio modo como a mente se configura do que devido propriamente a linguagem.

Em última instância, observou-se que os apontamentos de Lotze nesta obra *Microcosmus* são apenas alguns dos pontos principais que o autor recuperou e desenvolveu com maior atenção na sua obra seguinte *Logic*, e a qual precisa ainda ser melhor explorada por pesquisas a serem desenvolvidas posteriormente.

BIBLIOGRAFIA

BENES, Tuska. *In Babel's Shadow: Language, Philology and Nation in Nineteenth-Century Germany*. Detroit: Wayne State University Press, 2008.

CLOEREN, Hermann J. *Language and Thought: German approaches to analytic Philosophy in the 18th and 19th centuries*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1988.

COPLESTON, Frederick S.J. *A History of Philosophy vol. VII: Modern Philosophy – from the Post-Kantian Idealist to Marx, Kierkegaard, and Nietzsche*. New York/London: Image Books, 1994.

DESCARTES, René. *Discurso do Método*. Introdução, análise e notas de Étienne Gilson. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. Tradução de notas de Andréa Stahel M. da Silva. Tradução da introdução e análise de Homero Santiago. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FORMIGARI, Lia. *A History of Language Philosophie*. Translated by Gabriel Poole. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2004.

FORSTER, Michael N. *German philosophy of language: from Schlegel to Hegel and beyond*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

FORSTER, Michael. N; GJESDAL, Kristin. *The Oxford Handbook of German Philosophy in the Nineteenth Century*. United Kingdom: Oxford University Press, 2015.

GABRIEL, Gottfried; POLIMENOV, Todor. Analytical philosophy and its forgetfulness of the Continent. *Nordic Wittgenstein Review*, 2012. Disponível em <http://www.nordicwittgensteinreview.com/article/view/NWR-1_2012-Gabriel_Polimenov>. Acesso em 15 março de 2017.

GIUSTI, Ernesto Maria. Lógica, linguagem e ontologia no século XIX: a interpretação das categorias de Aristóteles por Adolf Trendelenburg. *Revista Guairacá*, n.28, p.93-111, 2012.

HEIDEGGER, Martin. *El Ser y El Tiempo*. Traducción de José Gaos. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

KUNTZ, Paul G. *Lotze's System Of Philosophy*. Edited by: George Santayana. Introduction and Lotze bibliography by: Paul Grimley Kuntz. Indiana University Press, 1971.

LIFSCHITZ, Avi. *Language and Enlightenment: the Berlin debates of the Eighteenth century*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

LINDSAY, T.M. Hermann Lotze. *Mind* (3): 363-382, 1876.

LOTZE, R. Hermann. *Metaphysic: ontology, cosmology, and psychology in three books*. Translated and Edited by Bernard Bosanquet. Oxford: Clarendon Press, 1887.

LOTZE, R. Hermann. *Microcosmus: an essay concerning man and his relation to the world*. 2 vol. Translated by Elizabeth Hamilton and E. E. Constance Jones. Edinburgh: T&T Clark, 1888.

MILKOV, Nikolay. Hermann Lotze's Microcosmus. In: TYMIENIECKA, A.T. *Islamic Philosophy and Phenomenology on the Perennial Issue of Microcosm and Macrocosm*. Dordrecht: Springer, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre a verdade e mentira*. Tradução e organização de Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2008. (Estudos Libertários).

ROBINS, E. P. *Some Problems of Lotze's Theory of Knowledge*. New York: Macmillan, 1900.

SULLIVAN, D. Frege on the Cognition of Objects. *Philosophical Topics*, 19: 245–268, 1991.

_____. Hermann Lotze. In: ZALTA, Edward N. (Ed.) *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. 2014. Acesso em 10 de abril de 2017. Disponível em <<https://plato.stanford.edu/archives/win2014/entries/hermann-Lotze/>>.

_____. Lotze, Rudolph Hermann. *Routledge Encyclopedia of Philosophy*. 1998. Acesso em 14 de abril de 2017. Disponível em < <https://www.rep.routledge.com/articles/biographical/lotze-rudolph-hermann-1817-81/v-1>>.

WILLEY, Thomas E. *Back to Kant: the revival of Kantianism in German Social and Historical Thought 1860 – 1914*. Detroit: Wayne State University Press, 1978.

WOODWARD, William R. *Hermann Lotze: an intellectual biography*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.